

Adriana Lisboa. *O vivo*. Belo Horizonte: Relicário, 2021. 81p.

A poesia de Adriana Lisboa, nesta obra, celebra a vida, equalizando as diferentes dimensões do “vivo” que povoa e que constitui o universo. Cada poema remete à desconstrução da supremacia do ser e revela a própria condição humana como aspecto limitador no processo de entendimento do seu papel no planeta. Como hospeda em si uma perspectiva contaminada, o indivíduo concebe ações equivocadas em sua forma de interação. Não é uma questão de alteridade entre um eu e um outro humano; é um deslocamento do ego como medida do mundo, enunciando, em sua temática, as possibilidades de harmonização nas tensões de vivência e de experiência entre as espécies: “devolve os répteis aos répteis/ as matas à sua filigrana/ o pântano às suas poças/ os mares à sua luz/ devolve o humano ao seu/ um tanto quanto/ ave réptil anfíbio (parentes/ há quatrocentos milhões de anos)” (p.19).

*O Vivo*, em tempos de pandemia, nasce em um momento em que é perceptível a fragilidade do ser e se insere nas discussões cruciais em relação à sobrevivência da vida na Terra. À vista disso, conduz o leitor pelos ecossistemas da diversidade de seres que compõem a existência planetária. Os reinos animal, vegetal, mineral convergem para o jogo do equilíbrio e, no eixo-semântico da obra, entram em cena “basalto”, “pedra”, “flor”, “cachorro”, “réptil”, “porco”, “vagalume”, “mosca”, “ave”, “abelha”, “pássaro”, “peixe”, “natureza”, “vento”, todos mergulhados no espaço-temporal do dizer poético que procura fazer as perguntas necessárias e urgentes em relação ao que realmente importa ao “vivo”, diante de seu átimo de permanência, porque “vivo como se fosse/ meu este instante/ mas ele não é mais/ que canteiro/ do vivo” (p. 37)

Nos quarenta e nove poemas, há um trabalho cuidadoso com a linguagem e a forma poéticas, resultando em *enjambements*, espaços e silêncios inusitados dentro dos

versos e estrofes que desconcertam o leitor, ampliando o estranhamento do universo - multiverso - erigido pela autora. Chama a atenção alguns títulos de poemas com o nome científico das espécies, como, *zenaida macroura* (rolinha-carpideira), *atelopus zeteki* (râ-dourada-do-panamá), *plumbago auriculata* (bela-emília), um recurso linguístico que provoca o trânsito entre linguagens de distintas áreas e funções, engendrando o amalgamando do rigor da linguagem científica com a plurissignificação da linguagem poética, potencializando o sentido de ambas.

O poema de abertura, *paraquedas colorido*, desvela o alargamento da consciência instaurada em um “multiverso” no qual o eu-lírico habita e se irmana com “todo o caleidoscópio da vida/ do fim ao início/ [...] no torrão de multiverso que habito/ poeira de poeira/ - tudo sorri enquanto/ despenco/ num paraquedas colorido” (p.17). Emblemático, fixa a tônica que percorre os poemas, ora na potência semântica da escolha de palavras como “todo”, “fim”, “início”, “tudo”, desabotoando os sentidos para um estar no mundo atemporal; ora no diálogo que estabelece com a cosmovisão ameríndia de Ailton Krenak, chamado a compor a epígrafe.

Embora a temática denuncie a vulnerabilidade da vida e, de certa forma, deixe entrever um vislumbre, tanto do caos em que se encontra o humano em suas idiossincrasias, quanto da aniquilação possível dos seres, boa parte dos poemas movimenta-se dentro de um cenário de serenidade, paradoxalmente, revelando, na complexidade da vida, a sua simplicidade.

Esse jogo metafórico, aparentemente, se estabelece pela criação de dois polos na linha existencial. Quando o sentimento de mundo se espria pela leitura da condição humana, Lisboa cria imagens pungentes, revelando que “enquanto estranhos fantasmas/ degolam-se uns aos outros/ nos subsolos dos distritos financeiros/ e sempre chegam tarde para o jantar.” (p.19). No primeiro polo, então, é possível notar que o poema revela um flagrante da Pós-modernidade gerida pela disputa de poder econômico em detrimento das relações afetivas.

A perspectiva é mantida e se instaura no poema, *outro vivo*, que se espanta com a perversidade humana quando “cães/ por dez dias submetidos/ à privação do sono/ a fim de que se averiguasse qualquer coisa/ [...] há o caso da lagosta escaldada viva/ do rato lobotomizado/ do boi eviscerado/ [...] vassalos que somos (dizem que *sapiens*) / dos nossos intestinos/ mais bichos que o mais bicho cão” (p. 39). Mais adiante, *no caminho do templo*, um eu-lírico revestido de ceticismo declara que “Deus se perdeu/ no caminho do templo/ agora são só os homens/ perfilados abençoados/ pelo diabo/ que cotidianamente/ os carregue” (p.46). Sendo assim, a representação imagética, no recorte concebido dentro da tríade Deus, homem, natureza, sugere a atrofia e o embotamento dos sentidos.

Não obstante, o polo contrário dessa amarra é a leveza do sentimento de existir por existir, no procurar perceber o tudo, apreender mais além da existência humana ou, talvez, dar a conhecer que a natureza prescinde da interferência do sujeito. Sem ele, os ciclos se renovam e a vida pulsa. Tal desarticulação propõe apenas escutar a flor e não sobre ela falar, perguntar-se “mas o que diz a flor/ quando não a tomamos emprestada/ para lutas lutos amores/ ou metáforas// o que será uma flor sem significante/ nem significado?” (p. 31).

Alinhado ao caráter de singeleza, o mapa da biodiversidade poética desenha-se no olhar atento ao laborar cotidiano e instintivo das aves que não se angustiam por metas e lucratividade, produzem e reproduzem a vida graciosamente “enquanto isso a rolinha-carpideira/ canta para os seus/ que talvez se por acaso falassem/ nos explicariam que ela não está carpindo/ coisa nenhuma/ que seu estado de conservação é pouco preocupante/ e que nesta primavera ela trouxe outros/ filhos ao mundo/ sem maiores alvoroços/ contente com um léxico de duas/ notas em surdina/ e um ninho reciclado/ do ano que passou” (p. 33).

A mediação que estabelece entre o humano e o não humano eclode em uma alegoria instigante sobre o contraste de tudo que diz respeito ao viver humano e ao viver das outras espécies no poema *por que o cachorro é um cachorro?*. Nele, essa pergunta, ilusoriamente simples de um menino aos adultos, gera desconforto, quase uma

hecatombe que leva muitos a se perderem, “abandonaram cidades e famílias/ [...] outros tantos venderam a alma/ roeram a ciência ao tutano/ pelaram a retórica à raiz/ [...] e o cachorro/ coça as costas distraído/ enquanto cochila/ sobre uma poça de sol” (p.22). Não saber a resposta, não conseguir encontrar uma explicação plausível para os fenômenos, uma lógica, um sentido em tudo que vê, sabe ou desconhece resulta em uma insensata busca em “[...] que já não há mais balsa/ casa ou saudade ou acerto/ o sangradouro do planeta vermelho/ os órgãos arrancados em sacrifício/ a uns deuses sempre tão carnívoros/ sempre mais afeitos ao sangue do que à seiva/ do que à água do que ao ar/ no fim o coturno que pisa o punho que agarra/ a vida [...]” (p.71-72).

Atenta ao caleidoscópio insano das problemáticas de seu tempo, a autora abraça em versos as adversidades da política polarizada no poema *bandeira*, no qual o eu-lírico soergue-se, inconformado: “procuro-a/ pura ou degradada/ até a última baixeza/ não a da pátria/ apropriada por uns sujeitos/ que declamam vergonhas/ como quem ganha na loteria” (p. 53). Lisboa inclui, ainda, em sua paisagem poética, as consequências trágicas da pandemia do Coronavírus para o homem e a renovação da natureza durante o isolamento social: “o ar está pesado/ [...]// desertas as ruas/ e as prateleiras dos mercados/[...]// nublados de chumbo que estamos/ nublados de medo/ morremos sem tempo de ler/ no noticiário/ que peixes e algas voltam/ a matizar os canais de Veneza [...]” (p. 21). Aborda, também, temas como a injustiça social, a exploração, evidenciando que “infelizmente/ uma única boa intenção/ não enche por muito tempo/ a barriga de um desvalido” (p. 55).

Ao final da obra, em um longo poema composto por mais de trinta estrofes, a poeta expande em espiral a poesia, atravessando com ela anos luz de distância no universo em direção ao planeta Marte. Para tecer o sentido poético dessa viagem, toma emprestado o vocábulo “solastalgia”, neologismo que designa uma sensação de angústia causada pelas mudanças no meio ambiente em função da ação do homem. Escreve no poema homônimo ao termo: “solastalgia é ter saudades/ do lar que nunca ficou para trás/ o luto pela violenta mordida/ do tempo dos homens/ quando tudo muda tudo fala tudo falta/ tudo é mudo no ruído branco ártico deste ponto/ de luz como será a Terra/ vista de Marte? // o Ártico derrete [...]” (p. 67 -68). Mas a sensação de falta vai mais além,

chega no âmbito da saudade de humanidade no homem que, quando chamuscada pelo racismo estrutural, revela a faceta cruel da discriminação, no desejo de controlar, de submeter o outro à moralidade perversa: “[...] sangue fluindo para trás/ história correndo para trás/ e um homem com o joelho no pescoço de outro homem/ pressionando enquanto este diz não consigo/ sístole diástole não consigo/ as formas da beleza as formas da alegria/ não consigo respirar” (p. 69).

Na busca pelo apagamento hierárquico, pela equivalência da importância de tudo, a obra encaminha-se para o descolamento da palavra de seu significante e de seu significado, perguntando-se “como se lava a palavra/ terra/ como se pesa/ se pila/ a palavra” (p.18) a fim de seja possível torná-la um signo liberto? Seguindo por essa seara, a paridade também se estabelece na generosidade da poeta em seu diálogo com a tradição, evidenciado nas epígrafes, na intertextualidade de poemas como *lida dos cinquent’anos*, em que é notável o confabular com Manuel Bandeira. No convite a Drummond no poema a *flor e o protesto* e mais explicitamente em *um peixe lê Drummond*. E na sua lista de convidados para a festa poética de *o vivo*, a qual tem nomes como Ricardo Reis, Alberto Caieiro, Bashô, Mariana Lanelli, entre outros.

O universo poético de *o vivo* dá sentido ao olhar microscópico às fontes de vida, no mergulho para fora e no salto para dentro de tudo e de todos, sugerindo que o descentramento de si para olhar os seres numa equidade de valor, de verdade, de existência conecta e renova as vidas que habitam o planeta. A poesia, assim, torna-se mais uma voz que legitima um tempo e uma vastidão de possibilidades de experienciar formas diferentes de humanidade.

Adriana Lisboa é romancista, poeta, contista, autora de literatura infantil e tradutora. Entre outros prêmios, recebeu o Prêmio José Saramago por seu romance *Sinfonia em Branco* (2001). Na poesia, com *Pequena Música* (2018), recebeu a menção honrosa do Prêmio Casa de las Américas, obra que foi considerada um dos livros do ano da revista *Bravo!*. Além dessas obras, publicou, na poesia, *Deriva, Parte da Paisagem, Equador*. Desde 1999, a autora escreve regularmente, construindo um grande acervo. Publicou sete romances, cinco livros de poesia, dois livros de contos e cinco

obras de literatura infanto-juvenil. Participou, também, de diversas coletâneas, entre elas a *Modern Poetry in Translation no.3 2019 - I Have Not Known a Grief Like This* (Inglaterra), *Brasilien Berätter: Ljud av Steg* (Bokförlaget Tranan, Suécia), *Brazil: a Traveler's Literary Companion* (Whereabouts Press, USA), *Lusofônica - la nuova narrativa in lingua portoghese* (La Nuova Frontiera, Itália), *Rio Literário* (Casa da Palavra, Brasil), *Aquela Canção* (PubliFolha, Brasil), *25 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira* (Record, Brasil). Mestre em literatura brasileira e doutora em literatura comparada pela UERJ, foi pesquisadora visitante em Nichibunken (Kyoto) e na Universidade do Novo México. No departamento de espanhol e português na Universidade do Texas em Austin, foi professora e, na Universidade da Califórnia Berkeley e na Universidade de Chicago, foi escritora residente.

**Suzana Pagot**

Doutora em Letras/Literatura Brasileira (UFRGS)